

Garotos levados para o SOS voltam às ruas

Dos nove meninos que foram recolhidos anteontem, apenas um aceitou ficar na instituição; os outros optaram por voltar às drogas; R. encontrado em estado lastimável foi embora em menos de 24 horas

FABIANA GITSIO

Dos nove meninos recolhidos anteontem pelo SOS Criança, apenas um aceitou permanecer na instituição. Os outros já estão de volta às ruas, e conseqüentemente, ao crack. O garoto R., encontrado dentro da carcaça de um Fiat depois de se drogar a noite inteira, não esperou nem 24 horas. Ontem, foi o primeiro a ir embora, logo depois de tomar o café da manhã. "Paciência; vamos abordá-los mais vezes", disse ontem Paulo Vitor Sapienza, coordenador do SOS. "Nossa ação é de convencimento."

R. passou pelo chamado circuito do SOS: tomou banho, trocou de roupa, jantou, teve as madeixas revista-

das para ver se escondiam piolhos, passou pelos serviços médico (que concluiu que o garoto estava tão drogado que não conseguia falar) e de dentista (do qual recebeu aplicação de flúor). R. também assistiu à palestra

sobre entorpecentes e ainda entrou no "túnel da droga", instalação que começa grande e iluminada e à medida que se vai entrando, fica estreita, baixa e feia. Ao sair de lá agachado, viu sua imagem num espelho fragmentado.

L.F. e G., que ao contrário de R., foram de livre e espontânea vontade para o SOS, depois da abordagem de educadores na Praça da República, esperaram pelo almoço antes de ir embora. Na tarde de ontem, a reportagem do Estado procurou esses três meninos para saber o porquê da permanência tão curta na instituição. L.F. e G. não estavam na praça nem

na Rua Barão de Itapetininga, onde foram vistos pelo colega *Topo Gigio*.

Topo contou que já passou pelo SOS Criança "mais de 40 vezes". "Lá é bonito, mas é um tal de ter hora para tomar banho e para dormir que deve ser por isso que eles não agüentaram", arriscou. O carro-carcaça em que R. morou durante três meses e que usava também para vender drogas, embaixo da Praça Roosevelt, foi retirado pela Companhia de Engenharia de Tráfego (CET).

Exceção — O garoto I.S., de 15 anos, continua no SOS, depois de ter sido encontrado anteontem por educadores no Largo São Bento. Seu interesse agora são as aulas de datilografia. Na hora de se despedir das ruas, onde

viveu por cinco anos, teve de tapear os colegas. "Aproveitei que eles estavam dormindo e saí escondido porque iam ficar me segurando." I.S. disse que foi o irmão, morto após levar uma facada, que o introduziu no uso do crack. Nos últi-

mos tempos, ele cheirava cola, que conseguia por R\$ 1,00. Do Centro, disse que vai sentir falta dos R\$ 15,00 diários que conseguia de esmola e, principalmente, dos filmes de terror a que assistia nos cinemas praticamente todos os dias.

O SOS estima que existam entre 5 mil e 7 mil crianças e adolescentes em situação de rua na cidade. Desse total, de 200 a 500 moram de fato nas ruas. Quando o Natal se aproxima e as escolas se tornam uma constante, o número aumenta em até 50%. Hoje à noite, o SOS vai trabalhar com as mães de rua da região de Pinheiros.

**MENINOS
RECOLHIDOS
RECLAMAM DA
DISCIPLINA**



Mabel Feres/AE



Mabel Feres/AE

O garoto conhecido como "Topo Gigio", que não quer saber de ser levado para o SOS Criança, onde já esteve "mais de 40 vezes": "Lá é bonito, mas é um tal de ter hora para tomar banho e para dormir"

O garoto I.S., de 15 anos, que decidiu ficar no SOS Criança: aulas de datilografia e possibilidade de recuperação depois de viver nas ruas durante cinco anos e do trauma de ser um irmão morto com uma facada

Creche usa venda de jornal para obter recursos

Projeto espera atender inicialmente 30 crianças carentes, entre 3 e 6 anos; meta é para 200

O jornal *O Futuro*, em formato tabloide, mensal, colorido e com tiragem de 20 mil exemplares, foi lançado esta semana para garantir o funcionamento de uma creche. É o que espera o publicitário Cláudio Camargo, idealizador do projeto. Em dezembro, a Associação Creche São Lázaro deve começar a receber as primeiras 30 crianças, entre 3 e 6 anos de idade.

A empresária Ana Maria Gonçalves Soares, dona de uma loja de confecções, pediu ajuda a Camargo para fazer uma creche destinada a carentes em sua casa, na Rua João Freire Farto, nº 10, no Jardim das Flores, em Santo Amaro, Zona Sul.

Escaldado com experiências anteriores de pedir doações a fundo perdido para o trabalho assistencial que sempre desenvolveu, o publicitário achou que deveria oferecer uma contrapartida aos colaboradores. "O jornal é uma espécie de moeda de troca", explica Camargo. "Damos um canal de comunicação e eles contribuem para tornar viável um projeto social."

Ele teve a idéia de fazer o jornal a partir de uma reportagem que leu no Estado sobre a responsabilidade social das empresas. Pesquisa revelava que 78% de 300 entrevistados acham que cabe à iniciativa privada fazer o papel que o governo não faz. O jornal, cheio de anúncios, saiu a custo zero. A verba vai ser usada na reforma da casa e na manutenção da creche. A meta é atender pelo menos 200 crianças. Contatos pelo telefone 857.3722, ramal 214, ou 551.41440.

NO 2º TURNO

A PENAS

**FERIADO
DE 2 DE**

